

Caderno de aulas

Curso: Clássicos

Módulo: *Banquete* de Platão



Professor Victor Sales Pinheiro

Referência principal:

Platão. *O Banquete*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Estudo introdutório Victor Sales Pinheiro. Organização Victor Sales Pinheiro e Benedito Nunes. 3ª ed. rev. Belém: ED. UFPA, 2011.

I. Dialético é como o fundador da Filosofia, Platão, designou o filósofo. Partindo da noção coloquial de conversa, dialética significa articular o dado particular com o princípio universal a que ele pertence e relacioná-lo com o todo da realidade. A alteridade da interlocução permite a continuidade da pergunta, da dúvida construtiva, impedindo a imobilização do pensamento numa resposta definitiva. Nesse contexto, o site explora a relação de oposição e convergência do pensamento clássico e do moderno, na ética, no direito, na política e na estética.

II. O Curso de Clássicos apresenta e analisa obras referencias da cultura ocidental, ressaltando o seu valor estético e sua contribuição moral para a consciência da nossa civilização.

III. Este Módulo *Banquete* de Platão discorre sobre um dos mais famosos e influentes diálogos de Platão, articulando sete concepções de amor, vivamente plasmadas na personalidade de cada um dos interlocutores de Sócrates. Para tanto, introduz o contexto histórico e literário da obra, ressaltando a sua dimensão literária e filosófica, assim como o seu legado na história do pensamento erótico ocidental.

IV. Sumário

| | |
|---|------|
| Aula 1. Introdução a Platão e ao <i>Banquete</i> : A Celebração competitiva do Amor | p.3 |
| Aula 2. Memória, História e Poesia Dialética (Prólogos: Apolodoro, Aristodemo) | p.8 |
| Aula 3. Pederastia, Pedagogia, Ética e Política (Fedro, Pausânias) | p.13 |
| Aula 4. Medicina, Retórica e Tragédia (Erixímaco e Aristófanes) | p.19 |
| Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates) | p.25 |
| Aula 6.1. Contemplação universal e paixão individual (Sócrates) | p.32 |
| Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcibíades) | p.38 |
| Bibliografia | p.47 |

Curso: Clássicos - Módulo: *Banquete* de Platão
Aula 1. Introdução a Platão e ao *Banquete*

Aula 1. Introdução a Platão e ao *Banquete*:

A celebração competitiva do Amor

I. Introdução a Platão e aos Diálogos

1. Apologia de Platão: o clássico dos clássicos

1.1. Fundador e protagonista da Filosofia ocidental

1.2. Complexidade das múltiplas dimensões de um clássico:

2. Contexto biográfico-cultural do autor: Atenas e Sócrates

2.1- Juventude em Atenas

2.1.1. Platão (428-348a.C.): Carta VII - autobiográfica:

2.1.1.1. Aristocracia ateniense (ascendência de Sólon; Crítias)

2.2.2.1. Educação *paidêutica*: ginástica e música

2.2.2.3. Política e Poesia (Tragediógrafo)

2.2.2.4. conversão" pessoal à Filosofia (Sócrates)

2.1.2. Guerra do Peloponeso (431-417a.C.)

2.1.2.1. Liga do Peloponeso: unidade dos estados helênicos
contra os persas e ascensão de Atenas

2.1.2.2. Derrota militar e "moral" a Esparta – *espartophilia*

2.1.2.3. Decadência da "Era de Ouro" (Péricles): Perda do
império ateniense

2.1.2.4. Execução de Sócrates: crime de impiedade e
corrupção da juventude

- 2.2. Primeira visita a Sicília, fundação da Academia (40 anos)
 - 2.2.1. Academia (383)
 - 2.2.2. Período de calmaria (383 – 366): meditação, escrita, estudo
 - 2.2.3. Escrita dos diálogos – manuais de estudo
 - 2.2.4. Professor de Aristóteles de Estagira (367)
 - 2.3- Expedição a Sicília por Dion e pela Filosofia
 - 2.3.1. Fracasso do projeto filosófico-político
 - 2.4. Anos finais
3. Contexto literário da obra: “Diálogos socráticos”
- 3.1. Filósofos-poetas (Platão e Nietzsche) e Poetas-filósofos (Dante, Shakespeare e Goethe)
 - 3.2. Linhagem de filósofos-poetas (platônicos-imagéticos: Plotino, Agostinho, Pascal e Nietzsche): e de filósofos-cientistas (aristotélicos-conceituais; Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Hegel, Husserl e Wittgenstein)
 - 3.3. Forma literária do “diálogo socrático”
 - 3.3.1. Aristóteles (*Retórica*): drama em prosa
 - 3.3.2. Reprodução da conversa (oral) de Sócrates
 - 3.3.3. Diálogo e teatro: a dramatização do pensamento
 - 3.3.4. Contexto dialógico-existencial e insurgência do pensamento
 - 3.3.5. Ironia: linguagem indireta - inteligência do interlocutor
 - 3.3.6. Maiêutica

3.4. Organização tradicional dos diálogos

3.4.1. Diálogos Socráticos (éticos, elenchus-refutação, aporéticos):

“o que é virtude?” (Apologia, Críton, Eutífron, Laques, Cérmidas, Líside, Protágoras, Górgias, Hípias e Alcibíades)

3.4.2. Diálogos Maduros (Clássicos - dramáticos): formas, imortalidade da alma, mito; mais “doutrinários” (resolutivos) do que aporéticos (Menon, República, Fédon, Banquete e Fedro)

3.4.3. Diálogos Tardios (menos dramáticos e poéticos, mais analíticos; diminuição do protagonismo de Sócrates): revisão da hipótese das formas (Parmênides, Sofista e Político; Filebo e Teeteto; Timeu e Crítias; Leis)

3.5. Características do pensamento platônico presentes no *Banquete*

3.5.1. Pensador “sintético” : absorve todos os aspectos da realidade, todas as tendências intelectuais da sua época

3.5.1.1. Fisiólogos (*Physis*): Pitágoras; Parmênides (Eleatas)

3.5.1.2. Naturalismo jônico: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras, Heráclito, Demócrito

3.5.1.3. Sofistas (*Nomos*): disjunção entre Lei e Natureza (ordem cosmos-cidade-alma); Medicina (Erixímaco)

3.5.1.4. Poetas épicos (Homero e Hesíodo), trágicos (Ésquilo, Sófocles, Eurípedes) e Líricos (Safo, Alceu)

3.5.2. Polêmica literária (erótica) da figura de Sócrates: Aristófanes e Alcibíades (Xenofonte); Banquete (Alcibíades–Dionísio–Atenas)

II. Introdução ao Banquete

1. Princípio da autonomia textual do diálogo: Contextos dramáticos autônomos (conversas)
2. Um dos mais célebres (ao lado da República e Timeu)
3. E mais fecundos (Aristóteles, Plotino, Agostinho, Ficino, Nietzsche, Freud, Lacan)
4. Título: "Symposium"
 - 4.1. Descrição "literária" do lugar
 - 4.1.1. Maioria: nomes dos interlocutores: Górgias, Parmênides, ...
 - 4.1.2. Tema: República (Politeia), Leis (Nomoi)
 - 4.1.3. Local ou ação: Symposium
 - 4.2. Amor e poesia
 - 4.3. Dionísio, "liberador" : Ritualística (religiosa); Evento (instituição, importância filosófica e política do vinho, desatar as línguas, freqüentemente amarradas pela lei e costume)
 - 4.4. Importância social da instituição do simpósio, Simposiarca, risco de degeneração
 - 4.5. Educação e embriaguez: "educação cívica" (Leis)
 - 4.6. Dimensão intelectual da "diversão" (contenção apolínea; desgaste dionisíaco); Apolo e Dionísio; expulsão das flautistas (música dionisíaca das prostitutas) (Protágoras; Rep., Leis)
 - 4.7. Tema de Eros; princípio de ordem, do protocolo; Fazer amor e falar do amor

5. Eros

5.1. Campo semântico: eros, philia, agape, epithymia

6. Competição de discursos encomiásticos

6.1. Gênero do “Elogio” Encomium

6.1.1. Insatisfação de Fedro – intertextualidade

6.2. Competição: diálogo mais participativo e dialógico

6.2.1. Um ágon polifônico de gêneros de discursos (forma e conteúdo)

6.2.1.1. Forma “híbrida”

6.2.1.2. Personagens pensam e falam diferentemente, porque amam diferentemente

6.2.2. Estrutura/arquitetura dialógica da obra

6.2.2.1. Unidade argumentativa do diálogo

6.2.2.2. Ordem e disposição dos discursos

Aula 2. Memória, História e Poesia Dialética

(Prólogos: Apolodoro e Aristodemo)

I. Discípulos miméticos e dialéticos

1. Introdução: Memória erótica e narrativa mimética

- 1.1. Complexidade dos prólogos: Apolodoro (fanático) e Aristodemo (servil)
- 1.2. Íon: transmissão entusiástica e irrefletida dos intermediários (intermediações erótico-narrativas do Banquete)

2. Apolodoro: “sempre o mesmo” , fanático, meigo, maníaco, louco

- 2.1. “mais fidedigno” , mesmo ausente da reunião, por ser “amante” (apaixonado) de Sócrates
- 2.2. .recente, apenas três anos, esforça-se por saber, dia após dia, o que ele conversa ou faz
- 2.3. apologeta soberbo e agressivo da filosofia: “inútil, como és agora...” ; “comerciantes e gente de dinheiro” - fastidiosos, nada “fazem” ; exortação agressiva, não sutil, irônica e maiêutica de Sócrates, que faz o interlocutor perceber, por ele mesmo, a inutilidade de sua vida ou atividade, quando comparada à Filosofia
- 2.4. “Sempre o mesmo” , “não muda nada”
 - 2.4.1. diferente de Sócrates, que sempre muda, é dinâmico, e dessa vez, banha-se e calça-se (o que raramente acontecia); muda os provérbios e mitos

2.5. “meigo” , mole, delicado, maníaco (malakós) – passivo (no Fédon (117d), Apolodoro chora inconsolável)

2.6. “louco” (manikós) (reposta de Apolodoro), maluco, delirante, desatinado

2.7. Cala-se para dar à voz a Aristodemo (mais fidedigno ainda)

3. **Aristodemo:** “farei o que mandares” , servil

3.1. Esteve presente no Banquete e informou Apolodoro

3.2. Mimético inferior: imita os gestos exteriores de Sócrates (“andava sempre descalço” ; “farei o que mandares”)

3.3. Sócrates “belo” (o caráter afrodisíaco e dionisíaco, da fantasia, da aparência, da maquiagem, do cosmético, do engano) - “fazer-se” belo, parra visita um rapaz (que “é”) belo (eroticamente excitante)

3.4. Convite de “penetra” a Aristodemo

3.5. Contrastando a rigidez dos seus discípulos estáticos, de Sócrates tem um dinamismo erótico, sendo “fiel” a Homero transformando-o

3.6. “a caminho” , Sócrates pausa e retrai-se em reflexão (meditação extática, impermeável aos sentidos exteriores – fica em pé, imóvel)

3.7. acolhimento ambíguo, “interesseiro” e autoritário de Agatão

3.7.1. “ágon” entre Agatão e Aristodemo por chamar (ou não) Sócrates

3.8. Tripla gafe de Sócrates: Traz um acompanhante “penetra” , não convidado; Chega atrasado; Debocha do anfitrião

3.9. 1º confronto (ágon) com Agatão

3.9.1. Imagem obscena da ejaculação (modelo da passividade, acolhimento)

II. História e Poesia: “Ficção histórica” e atemporalidade mítica

A. Introdução

1. Estrutura narrativa diacrônica: Dois modelos narrativos:

- 1.1. mimético: “Historicidade” , fidedignidade da memória erótica passiva
- 1.2. dialógico (Platão)

2. Implosão da narrativa mimética, factual, “histórica”

3. Mediações memorialísticas - duas camadas temporais de narração

- 3.1. momento do banquete propriamente dito (data dramática, do próprio Banquete) - 416a.C.
- 3.2. momento da narrativa (data do diálogo inicial) - 400a.C.
- 3.3. data da redação (quando Platão escreveu) - 380a.C.

4. Anacronismos

- 4.1. “verdade histórica” (“informações precisas” , 172b)
- 4.2. “verdade filosófica” (“Aristodemo não se recordava muito bem, como eu, da mesma forma, não me lembro, ... apenas o digno de recordação” , 178a)

5. Conversão dialética da História à Poesia (mito)

5.1. Aristóteles: “A poesia é mais verdadeira e filosófica do que a história”

B. História - Motivo político do clímax dramático inicial (“Novela histórica”)

1. Contexto do banquete – 416a.C.

- 1.1. Vitória de Agatão
- 1.2. Declínio do “século de ouro” , da grande tradição trágica (Ésquilo, Sófocles...)
- 1.3. Influência “moderna” dos sofistas (relativistas)
- 1.4. Em breve, a cidade será lentamente absorvida pelo império macedônico
- 1.5. Expedição imperialista da Sicília – liderada pelo impetuoso Alcibíades, que era “devoto” do deus Eros (tinha-o em seu escudo), e infundiu, retoricamente, no povo “eros pos Sicília” ; Acusado de ter violado as estátuas de Hermes e profanado os Mistérios de Elêusis – blasfêmia contra a democracia

2. Contexto da narrativa de Apolodoro – 400a.C.

- 2.1. Antes da morte de Sócrates, em 399a.C.
- 2.2. Depois da saída de Agatão de Atenas, entre 408-407a.C.
- 2.3. Declínio da história política ateniense
 - 2.3.1. Guerra do Peloponeso oficialmente perdida
 - 2.3.2. Alcibíades está morto
 - 2.3.3. Agatão, exilado

3. Contexto da escrita de Platão – 384-379a.C.

3.1. Plena maturidade literária

3.1.1. “apologia” de Sócrates – defesa póstuma da memória do seu mestre

3.1.2. Sócrates (sabedoria filosófica) x Alcibíades (retórica sofística)

3.1.3. Aristófanes critica

3.1.3.1. Sócrates - *As Nuvens*, 423a.C.

3.1.3.2. Alcibíades – disputa político-poético entre Ésquilo e Eurípedes, oligarcas e democratas, Sócrates e Alcibíades *As rãs*, 405a.C.

3.1.3.3. Agatão – belo e afeminado, luxurioso e extravagante travesti asiático - *Só para mulheres*, 411a.C.

Aula 3. Pederastia, Pedagogia, Ética e Política (Fedro, Pausânias)

I. Preparação ao Simpósio (176a)

1. Dimensão ritual: abluções, hinos (a Dionísio)
 - 1.1. Protocolo – comer e, depois, beber

2. Proposta de sobriedade e moderação: ressaquiados, exaustos
 - 2.1. Beber sem constrangimento
 - 2.2. Apolo (intelecto) x Dionísio (corpo)
 - 2.3. Falar de amor, ao invés de praticá-lo
 - 2.4. Dispensa das flautistas, prostitutas
 - 2.4.1. Flauta – instrumento de Dionísio x Harpa (lira) – Apolo
 - 2.5. Sócrates é o “herói” da fortaleza (temperança): não se embriaga nunca, não perde a razão, seu maior bem

3. Apresentação dos casais
 - 3.1. Pausânias – Aristófanes (casal)
 - 3.2. Erixímaco (como médico, arroga-se simposiarca) – Fedro
 - 3.3. Agatão – Sócrates (reclinados juntos) – Alcibíades

5. Decisão unânime de entoar discursos sobre Eros
 - 5.1. Erixímaco visa saciar uma insatisfação de Fedro, seu amante
 - 5.2. Divindade “grande e gloriosa” não suficientemente louvada
 - 5.3. Aristófanes ocupa-se apenas de Dionísio (bebida) e Afrodite (sexo) - 2ª divindade mencionada, mãe de Eros

II. Amor pederástico e pedagogia

A. Introdução

1. Compreensão histórica dos termos e instituições
 - 1.1. Cuidado com os anacronismos – projeção de significado
 - 1.1.1. Horizonte hermenêutico de interpretação – cultura cristã
2. Não existe “bissexualidade” na Grécia Antiga, dois desejos paralelos ou excludentes, mas um mesmo desejo difuso
3. Critério moral é a temperança, e não a homo ou a heterossexualidade

B. Relação assimétrica, hierárquica

1. Cinco diferenças fundamentais da noção antiga de “pederastia”
 - 1.1. Etimologia: “paîs” (menino – pedagogia)
 - 1.1.1. Adolescente (efebo) – do buço até a barba (enter 12 e 18 anos)
 - 1.1.2. Ausente as características viris, másculas, do homem (pelos, voz grossa, músculos).
 - 1.1.3. Também significa “escravo” (inferioridade social e passividade erótica)
 - 1.2. não são “homossexuais” , um par de homens ou adolescentes “iguais” .
 - 1.2.1. Não há reciprocidade: o garoto não se sente atraído pelo adulto, apenas “troca” serviço sexual pela iniciação pedagógica

Aula 3. Pederastia, Pedagogia, Ética e Política

1.3. não é exclusiva a um tipo de homem com inclinação homoerótica, mas compõe a normalidade social dos cidadãos

1.4. Assimetria:

1.4.1. Eros (atração sexual) do adulto amante - mestre

1.4.2. Philia (amizade) do jovem amado – discípulo

1.5. ativo, o adulto amante deve seduzir o jovem amado

1.5.1. Mas o jovem amado não deve retribuir senão com gratidão e admiração, jamais cobiçá-lo em troca

1.5.2. Inversão dos discípulos de Sócrates

2. Função cívica de introduzir o jovem na vida política

2.1. Sociedade guerreira, masculina – virtudes da virilidade, força, bravura e fidelidade

2.1.1. Aversão aos afeminados, passivos, frágeis

2.1.2. Misoginia – amor pelas mulheres era considerado inferior, meramente físico e procriativo

2.2. Conservação de um *ethos* guerreiro, aristocrático, transmitido pelo amor e exemplo de mestre e discípulo.

4. Fedro – 1º discurso

4.1. virtude da masculinidade, coragem (*andreia*)

III. FEDRO: entusiasmo, coragem e vergonha

1. Introdução

1.1. Propositor do tema

1.2. Trata o amor de forma entusiástica

2. Heroísmo erótico ("honra" , "vergonha" , "ser visto" pelo amado-amante)

2.1. *shame-culture* (cultura da vergonha, , de como se é visto pelos outros) - paganismo

2.2. *guilty-culture* (cultura da culpa) – cristianismo

3. Princípio "tradicional" (Hesíodo, Acusilau, Parmênides)

2.1. Eros é o deus mais velho, não tem pais (diferença do discurso de Sócrates)

2.2. Estrutura da religião grega: sem dogmas, sem sacerdotes que os salvaguardem; Flexibilidade genealógica; plasticidade *poética* do mito

2.3. Religião poética, ética e política – vários mitos, instituições sociais, virtudes

2.4. Apropriação sofística (retórica) e filosófica (dialética, criação) dos mitos

2.5. Conseqüência: Eros é a fonte dos maiores bens; Eros inspira a virtude

Curso: Clássicos - Módulo: *Banquete* de Platão
Aula 3. Pederastia, Pedagogia, Ética e Política

4. Exército de amantes, que se admiram no combate e não se acovardam;
Prefere morrer a ser pusilânime

5. Eros infunde coragem de morrer pelo amado; exemplos: Alceste;
Orfeu; Aquiles

6. Conclusão: “Eros é o mais antigo e o mais respeitável entre os deuses,
como também o mais autorizado para levar os homens à posse da
virtude e da felicidade, tanto nesta vida como depois da morte”

IV. PAUSÂNIAS: Duas Afrodites, Política e Educação (180c-185c) (25m04s)

1. Introdução: como Fedro, defende a sua perspectiva pessoal

2. Método: *Dissoi logoi, antilogia* (Pródico, Protágoras)
 - 2.1. Eros tem sim genitora, é filho de Afrodite
 - 2.2. Mas são suas Afrodites e, logo, dois tipos de Eros (*mythos*)
 - 2.2.1. Terrestre-vulgar (mais nova, filha de Zeus e Dione)- corpo
 - 2.2.1.1. dinheiro; poder
 - 2.2.2. Celestial (mais velha, filha de Urano)- alma
 - 2.2.2.1. não participa do sexo feminino (misoginia) – amor
às mulheres não as educa, edifica, apenas aos homens,
“gênero mais forte e inteligente”
 - 2.2.2.2. união para toda a vida (amizade) - reciprocidade

Curso: Clássicos - Módulo: *Banquete* de Platão
Aula 3. Pederastia, Pedagogia, Ética e Política

duradouro, permanente, eterno (183e); “escravidão voluntária”

3. Proposta político-pedagógica (nomos): Lei proibindo a “pederastia”, porque, na adolescência, não se sabe o caráter do jovem, se será um “carnal” ou um “espiritual”

4. Amor (terrestre-carnal) é um salvo-conduto à loucura

4.1. Alusão a Alcibiades x Sócrates: “permissão tácita de nossas leis para o amante praticar os atos mais extravagantes e ainda receber elogios, atos esses que se alguém se atrevesse a realizar na consecução de outro objetivo, incorreria nas mais severas admoestações por parte da **Filosofia**” . (183a)

4.2. “Não há juras de amor... tanto os deuses quanto os homens concedem plena liberdade a quem ama, o que as nossas leis confirmam. De tudo isso, é lícito concluir ser considerado em nossa comunidade extremamente belo amar e ser condescendente com a pessoa amada”

4.2.1. Moralização política do amor

5. Conclusão: unir Pederastia (sexual) e Filosofia (moral e intelectual)

5.1. Formalismo e relativismo: “nenhum ato, em si mesmo, é belo ou censurável; tudo o que fazemos neste momento: beber, cantar, conversar, nada, em si mesmo, é belo; tudo depende da maneira com que é feito” (181a)

5.2. Amor-sexo ligado à educação é virtuoso

5.2. Amor-sexo restrito à fruição carnal é vicioso

Aula 4. Medicina, Retórica e Tragédia (Erixímaco e Aristófanes)

Introdução: Recapitulação do argumento do diálogo

I. INTERLÚDIO dramático: O soluço de Aristófanes (185c-e; 189a-c)

1. Soluço curado com o espirro: só o corpo resolve o corpo; o amor é algo físico

2. Contra a intelectualização:

2.1. Manuel Bandeira, *A arte de amar* (Belo, Belo, 1948)

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

3. "Autoridade" do médico Erixímaco: restitui a ordem

3.1. física (com o espirro)

3.2. social (como Simposiarca)

II. ERIXÍMACO: especialidade técnica e retórica da medicina (185e-188e)

1. Introdução: Contextualização

1. Importância cultural, dimensão paidêutica da medicina (W. Jaeger)

2. Medicina como modelo paradigmático de *techné*;

2.1. *Górgias* – analogia medicina – filosofia; corpo – alma;

2. Unidade personagem e discurso: personalidade de Erixímaco, pedantismo e proselitismo

3. Validade científica – fundamentação filosófica (filosofia jônica da natureza)

3.1. Antecipação da noção de universalidade científico-filosófica

4. Expansão cósmica de Eros (universalidade)

4.1. Dualidade de Pausânias: polarização saúde e doença

4.2. Elementos dicotômicos que constituem toda a realidade

4.3. Definição “natural” de medicina: “ciência dos fenômenos amorosos do corpo com relação a repleção (encher) e à vacuidade (esvaziar)”

4.3.1. Metáfora pedagógica obscena de Sócrates

4.4. Poder do médico, “profissional competente” : “mudas as disposições do corpo”

4.4.1. Infundir harmonia (perdida) nos elementos contraditórios do corpo (realidade)

4.5. “Refutação” de Heráclito: composição que supera a oposição

4.5.1. Safo: Eros agridoce

Aula 4. Medicina, Retórica e Tragédia (Erixímaco e Aristófanes)

5. Erotismo vulgar e hedonista

- 5.1. ausência da alma e beleza
- 5.2. amor deserotizado, sem beleza (afrodisíaco)
- 5.3. temperança" de amores vulgares
- 5.4. dissolve o critério de distinção entre Eros celeste e vulgar;
- 5.5. Nietzsche (*Zarathustra*): pequenos prazer de dia e de noite, sempre preocupados com a saúde

6. Saber e Poder - Onipotência da ciência erótica – médico como demiurgo universal

- 6.1. Extensão da medicina a todos os domínios da realidade: Medicina; Ginástica, Agricultura; Música; Astronomia; Religião, Magia
- 6.2. Gnosticismo (saber que permite a intervenção na natureza para consertá-la, o gnóstico sabe como a natureza deveria ser)

7. Caso da religião – magia e divinação

- 7.1. contribui para os deuses, manipula-os
- 7.2. elisão da fronteira entre prognóstico e divinação

8. Incapacidade de harmonização erótica entre os dois tipos de Eros

- 8.1. Apenas temperança de ambos
- 8.2. Auto-contradição: conforme a sua teoria de *harmonização* como *concordância que supera os pólos antagônicos numa síntese maior*

9. Incoerência do homoerotismo: impossibilidade de harmonização de iguais

- 9.1. Imposição afetiva e profissional

III. ARISTÓFANES: solidão e saudade da unidade perdida (189a-193e)

1. Deus muito poderoso e louvável

- 1.1. mais amigo dos homens
- 1.2. protetor de todos
- 1.3. médico (não o homem!) para males que geram infelicidade
- 1.4. Só Eros cura, e não o médico

2. Mito da natureza humana primitiva – pré-erótica (não havia amor)

- 2.1. Três sexos: masculino (sol), feminino (terra) e andrógino (lua, duplo)
- 2.2. Redondos (esféricos): completos, perfeitos, plenos, autossuficientes, sem começo, nem fim
- 2.3. Imagem engraçada: saltimbancos que cambalhotam, pulinhos
 - 2.3.1. Duplo (mais): pular e cambalhotar
 - 2.3.2. Metade (menos): andar em pulinhos
 - 2.3.3. Seres “duplos” : quatro pernas e quatro braços: oito membros
 - 2.3.3.1. “Hybris” : desmesura de desafiarem os deuses (Prometeu e Torre de Babel)

3. Punição de Zeus: a cisão

- 3.1. Não convinha eliminar os homens primitivos, para não perder o culto que devotavam aos deuses, se fossem piedosos
- 3.2. Enfraquecer os homens para controlar a insolência

Aula 4. Medicina, Retórica e Tragédia (Erixímaco e Aristófanes)

4. Apolo: visão do corte para moderação

4.1. Umbigo, sinal da unidade cortada

5. Amor como saudade da metade perdida, e desejo de re-união definitiva

5.1. Desejo de fundir-se num só corpo com o abraço erótico – fome e inanição

6. todo homem e mulher é dividido, pela metade:

6.1. Símbolo a procura da “cara-metade”

6.2. Renato Russo, *Sete cidades* (CD As Quatro Estações): “quando não estás aqui, sinto falta de mim mesmo, sinto falta do teu corpo junto ao meu; Me partiu em dois / E procuro agora o que é / minha metade”

7. Definição do amor: “Quando acontece encontrar alguém a sua metade verdadeira, de um ou de outro sexo, ficam ambos tornados de um **sentimento maravilhoso de confiança, intimidade e amor**, sem que se decidam a separar-se, por assim dizer, um só momento. Essas pessoas, que passam juntas a vida, são, precisamente, as que não sabem dizer o que uma espera da outra. Apenas poderia ser o prazer dos sentidos que leva cada um a procurar a companhia do outro. É evidente que a alma de ambos deseja algo que ela própria não sabe definir, mas advinha ou sugere vagamente. (...)”

[o amor é o desejo de] unir-se ao objeto amado e com ele fundir-se, para formarem um único ser, em vez de dois. E a razão disso é que primitivamente formávamos um todo homogêneo. A saudade desse todo e o empenho de restabelecê-lo é o que denominamos amor. Antes, conforme disse, éramos u,;

Aula 4. Medicina, Retórica e Tragédia (Erixímaco e Aristófanes)

porém agora, por motivo de nossa injustiça, fomos separados pela divindade...”

7.1. Unidade - Intimidade, confiança, amizade

7.2. Completude física e psíquica

7.2.1. Alusão a Pausânias (casal de Aristófanes) e Agatão, que são de natureza masculina

7.3. Inefável

7.4. Felicidade – plenitude do encontro de si mesmo no amado

8. Amizade com Eros permite o reencontro com a metade perdida

8.1. Piedade e reverência aos deuses

8.2. “reconduzir-nos ao que nos é próprio e nos dá a doce esperança de, para o futuro, nos mostrarmos reverentes aos deuses, restabelecer nossa primitiva natureza, curar-nos e deixar-nos felizes e bem-aventurados”

9. Amor individual, mais realista, passional, mais compreensivo

9.1. Drama de Alcibíades (tragicômico)

10. Amor é uma tragédia, é fruto de uma punição dos deuses e um remédio paliativo para recuperar uma unidade perdida

10.1. Paraíso perdido

10.2. Desejo que reforça a **carência** (saudade, solidão)

10.3. Satisfação temporária do amor, amenização, suavização da dor da ferida

11. Amor romântico e psicologia (Freud, Lacan, Girard)

Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates)

I. INTERLÚDIO: ironia à poesia retórica e à democracia e tentativa de converter a retórica em dialética (193e-194e)

1. Ironia de Sócrates

1.1. Segundo confronto com Agatão

1.1.1. Primeiro confronto na chegada:

1.1.1.1. prêmio democrático que se comemora

1.1.1.2. pedagogia reificada (metáfora obscena)

1.2. embaraço e expectativa do “belo” discurso de Agatão

1.2.1. Agatão contra-ataque de: “pretendes “enfeitiçar-me...”

1.3. aristocracia (poucos sábios) x democracia (multidão de ignorantes); Agatão reconhece esse fato

1.3. ironiza os aristocratas presentes confundidos na multidão dionisíaca “de ontem” , na qual Sócrates não estava

2. “Elenchus” - Perguntas sucessivas (método do interrogatório dialético)

3. Fedro os interrompe para que cumpram a dívida com a divindade

3.1. alertando às duas paixões de Sócrates

3.1.1. conversas – circunlóquios imprevisíveis (onde a onda do argumento levar)

3.1.2. belo rapaz

Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates)

II. AGATÃO: Autolouvor retórico-poético (194a-197e)

1. Personagem

1.1. Anfitrião

1.2. Nome: “bom” , sempre chamado de “belo”

1.3. Poeta “sofisticado” , aluno do sofista Górgias (decadência de Eurípedes)

1.4. Tragediógrafo sem tragédia

2. Introdução “metodológica” : pPrimeiro a natureza, depois os benefícios (correta explicação filosófica)

3. A natureza de Eros

3.1. Mais bem-aventurado, mais belo e melhor

3.2. Mais jovem (contra Fedro)

3.2.1. Foge da velhice, procura apenas os moços (p. homologia-semelhança)

3.3. Pacificador (não contendor): paz e amizade

3.4. Delicadeza: habita no coração e na alma dos homens de caráter brando

3.5. Maleável, flexível

3.6. Beleza: Lugares floridos e aromosos (imaginário bucólico-pastoril)

4. Suas virtudes cardeais: Justiça; Temperança; Coragem e Sabedoria (poética, sua própria arte, como Erixímaco louvou-se a si mesmo)

Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates)

5. Os bens que ele gera

- 5.1. Prosa poética, retórica (várias figuras de linguagem)
- 5.2. Cuidado com o funcionamento mecânico do verbo – ritmo, rima
- 5.3. Hipnotizar o ouvinte com a pirotecnia verbal: Aliteraões, antíteses, metáforas, perífrases, hipérboles, enumerações, anáforas
- 5.4. Praticamente neutraliza o conteúdo da fala: Sócrates reconhecerá o “orador terribilíssimo” , como Górgias, que emudece o ouvinte
- 5.5. Não fala da relação com o amado

6. Dimensão narcísica, de auto-louvação

- 6.1. Eros é um poeta, virtuoso, delicado, meigo, invejado que promove banquetes
- 6.2. Afeminado, não há ênfase na virtude guerreira da coragem (apenas uma alusão retórica e protocolar de que Eros resiste a Ares)
- 6.3. Não há pedagogia humana, o amor é uma dádiva direta de Eros que torna o homem virtuoso
- 6.4. “Eu me amo, eu me quero, não posso mais viver sem mim” (Ultraje a Rigor)

7. Conclusão: misto de brinco e seriedade (como o de Aristófanes)

- 7.1. Epílogo: discurso de Sócrates, Aristófanes e Agatão

Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates)

6. SÓCRATES: da retórica à dialética e à alegoria filosófica (198a-212c)

A. Divisão da primeira parte: Metade da obra: os discursos de Sócrates e Alcibíades correspondem aos discursos dos cinco primeiros oradores (Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Agatão)

B. Nesta aula, abordam-se os seguintes tópicos

1. Introdução (198a-199c)
2. Refutação de Agatão (199c-201c) – DIALÉTICA (CONCEITO)
3. “Invocação” de Diótima (201d-3) – “LENDA”
4. Eros como intermediário, *DAIMON* (201E-203A) – MITO

C. Na próxima aula, abordam-se os demais tópicos

1. Alegoria genealógica sobre a natureza “filosófica” de EROS (203a-c)
2. Escada do amor: ascensão dialética da alma à forma do belo (209e-212a)
3. Conclusão

1. INTRODUÇÃO (198a-199c)

- 1.1. Estupefato, “petrificado” diante da “oração formosa e enfeitada”
- 1.2. Crítica aos discursos precedentes: meramente retóricos e “demagógicos”
- 1.3. Sócrates diz não saber “discursar” , apenas falar na linguagem corrente
- 1.4. Critério não é a **beleza**, mas a **verdade** do discurso: o que o torna belo é a verdade (belo, bom e verdadeiro)
- 1.5. Pedido a Fedro: mudança da forma discursiva: da retórica ao diálogo

Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates)

2. REFUTAÇÃO DE AGATÃO (199c-201c)

2.1. Concorda com o princípio: natureza (o que é) e finalidade (o que faz)

2.2. Refutação metódica (*élenkhos*) do narcisismo erótico de Agatão sobre a natureza do amor

2.3. Análise dos passos argumentativos, formulados em perguntas sucessivas:

1. amor é algo (sujeito)

2. o amor deseja o que não tem (objeto de carência)

3. deseja preservar o que não tem (permanência, incorporação)

4. Premissa mítica de Agatão: amor do belo

Se o amor é desejo daquilo de que se carece

Se o amor é amor ao belo

Logo, o amor carece do belo

5. Se o belo é bom, e Eros não é belo, ele não é bom

2.4. Esse argumento é fundamental para entender a Philo-Sophia, como amor ao que não se tem, desejo insaciável

2.5. Agatão é refutado: “É bem possível, Sócrates, que eu não compreendesse nada do que então falei. (...) Não me sinto em condições de contestar-te”

2.6. Sócrates “encarna” a Verdade incontestável

2.6.1. Todos os oradores “refutam” uns aos outros de forma indireta

2.6.2. Apenas Sócrates encara e apela diretamente a um interlocutor em erro, sem receio de se indispor com o anfitrião, com quem se instaurou uma rivalidade desde a chegada

Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates)

3. “INVOCAÇÃO” DE DIOTIMA (201d-3)

3.1. Reprodução da “conversa” com ela (mais uma camada de mediação erótico-memorialística: 1.Diotima - 2.Sócrates - 3. Aristodemo – 4. Apolodoro – 5. Platão)

3.2. Nome: Dio-tima (presente de deus)

3.3. Personagem insólita

3.3.1. Mulher

3.3.2. Estrangeira

3.3.3. Profetisa

3.3.4. Mestra (provavelmente amante de Sócrates, que rompe com a omossexualidade, renunciando a Alcibíades)

3.4. Alter-ego de Sócrates

3.4.1. Atenuação retórica para não falar de si, como Agatão

3.4.2. Mas o Eros descrito é o próprio Sócrates-pedagogo

3.4.3. Salvou a cidade de Atenas de um peste

3.4.4. Atenas será simbolizada por Alcibíades, que arruinou a cidade

4. EROS COMO INTERMEDIÁRIO, *DAIMON* (201E-203A)

4.1. Contextualização hermenêutica da palavra *Daimon*

4.2. Sócrates concordava com Agatão: “Eros é um deus poderoso e amante das coisas belas”

4.2.1. Eros não é Belo nem Bom

4.3. Diotima o contestou pelo argumento de que todo desejo pressupõe a carência

Aula 5. Narcisismo poético e Daimon intermediário (Agatão e Sócrates)

4.4. Intermediário entre sabedoria e ignorância: opinião verdadeira (sem justificação, demonstração)

4.5. Eros como intermediário, elo entre deuses imortais e homens mortais

4.6. Grande “daimon” : “interpreta e leva para os deuses o que vai dos homens, e para os homens o que vem dos deuses: de um lado, preces e sacrifícios; do outro, ordens e as remunerações dos sacrifícios. Colocado entre ambos, ele preenche esse intervalo, permitindo que o Todo se ligue a si mesmo [Aristófanes]. Dele procede a adivinhação e a arte dos sacerdotes, em relação aos sacrifícios e iniciações, aos encantamentos, ao vaticínio em geral e à magia. [Erixímaco] Os deuses não se misturam com os homens; é por meio desse elemento que os deuses entram em contato com os homens e se torna possível o diálogo entre eles, tanto no estado de vigília como durante o sono. O perito em tais assuntos é “daimônico” [assim Alcibíades chama Sócrates]...

Aula 6.1. Contemplação universal e paixão individual

(Sócrates)

I. ALEGORIA GENEALÓGICA E NATUREZA FILOSÓFICA DE EROS (203a-c)

1. Introdução: transposição do mito à filosofia (Aura mística – iniciação: ascese e mística)

1.1. Genealogia: método do pensamento mítico (Hesíodo)

1.1.1. "organização" da cosmo-gonia antecipa a concepção sistemática da

1.1.2. cosmo-logia filosófica e científica (Empédocles): Quem são os pais de Eros? – Qual é a natureza, causa?

1.2. Princípio da "coincidência dos opostos" e dialética

1.2.1. Natureza ambígua e ambivalente da Philo-Sophia

1.2.2. O que une os pais de Eros é o próprio Eros, antes que ele nascesse

1.2.3. A cronologia não se aplica, e não contradiz a unidade mítica

1.3. Alegoria (hale-gorein, outras palavras) - Símbolo:

1.3.1. Relacionar as imagens aos significados simbólicos – metalinguagem do próprio Banquete

1.3.2. Linguagem cifrada que precisa ser de-cifrada por que conhece a cifra

Aula 6.1. Contemplação universal e paixão individual (Sócrates)

2. “Tradução” dos significados do mito

2.1. **Banquete** (como o de Agatão) do nascimento (fecundidade erótica) de Afrodite (beleza – Eros é seu companheiro e servidor, amante das coisas belas)

2.2. **Poros** (Expedientes) filho de Métis (Invenção)

2.2.1. Embriaga-se de néctar (vinho, Dionísio) e dorme (como os convivas do banquete de Agatão) no jardim de Zeus (pai de Afrodite, local de ordem, fecundidade e superabundância)

2.3. **Pobreza**

2.3.1. não foi convidada (como Aristodemo)

2.3.2. aproveita essa oportunidade única de mendigar (valendo-se desse expediente de forma arguta como Poros)

2.3.3. carente eroticamente, cobiça Poros (golpe do baú, casa com um deus olímpico, que foi convidado para o “batismo” de Afrodite), colocando-se à porta (como Sócrates)

2.4. **Eros**

2.4.1. Sintético, dinâmico, transitivo (como Sócrates)

2.4.2. Mãe Pobreza:

2.4.2.1. sempre pobre, constitutivamente carente

2.4.2.2. mendigo: áspero, esqualido, sem calçado (como Sócrates) nem domicílio certo

2.4.2.3. só dorme ao ar livre, pelas portas das casas (2ª ref. a Sócrates)

2.4.2.4. não é delicado e belo (como crê o “vulgo” , como Agatão)

Curso: Clássicos - Módulo: *Banquete* de Platão

Aula 6.1. Contemplação universal e paixão individual (Sócrates)

2.5. **Pai Poros:** (características de Sócrates e dos demais interlocutores)

- 2.5.1. sempre arguto, inventivo para alcançar o belo e o bom
- 2.5.2. Bravo, audaz, expedito, artiloso, sagaz
- 2.5.3. Excelente caçador de homens - feiticeiro temível, mágico
- 2.5.4. Amigo da sabedoria, filósofo, sábio, sofista
- 2.5.5. Nem mortal, nem imortal, floresce e vive, morre e renasce
- 2.5.6. Nem rico, nem pobre, o que adquire hoje, perde amanhã

2.6. **“Daimon” filosófico**

- 2.6.1. A meio caminho entre a sabedoria (pai) e a ignorância (mãe)
- 2.6.2. Deuses e sábios não filosofam
- 2.6.3. Ignorante não sabe que ignora – prepotente, acha que sabe
- 2.6.4. Função de Sócrates sempre foi implodir essa arrogância do ignorante e denunciar que ele não sabe o que a sua função social lhe arroga
- 2.6.5. sabedoria é o que de mais belo (premissa não investigada, apenas afirmada); conversão do belo do corpo
- 2.6.6. Eros não é o indivíduo amado, belo, delicado, perfeito e bem-aventurado (Agatão), mas o amante (Fedro, Aristófanes)

II. Amor é desejo de possuir o belo e o bom para ser feliz (204a-206a)

- 1. Belo – bom – felicidade
- 2. Contra Aristófanes: não adianta buscar a outra metade de si, ou o todo, se eles não forem bons

Aula 6.1. Contemplação universal e paixão individual (Sócrates)

III. Amor é desejo de imortalidade pela beleza (206b-209e)

1. Amor não é amor “do” belo, mas gerar “no” belo
2. Transmiti-lo, reproduzi-lo, expandi-lo,
3. Amor é o desejo de imortalidade
 - 3.1. Já que ninguém deseja o bem provisoriamente
 - 3.2. Bem e o belo carregam consigo a intuição da eternidade, imortalidade, pela união
4. Todos os homens são fecundos
5. Amar é gerar na Beleza, que é a parteira da geração
 - 5.1. Corpo, mulheres: filhos carnais (renome duradouro nos pósteros)
 - 5.2. Alma, homens: filhos espirituais
 - 5.2.1. Poetas (Homero e Hesíodo) – virtudes
 - 5.2.2. Legisladores (Licurgo, Sólon) – governo das cidades – prudência e justiça
6. União, fecundação – imortalidade
 - 6.1. União espiritual muito mais intensa do que a carnal
 - 6.2. Paternidade mais íntima do que a biológica

Aula 6.1. Contemplação universal e paixão individual (Sócrates)

IV. Escada do amor: ascensão dialética da alma à forma do belo (209e-212a)

1. Introdução: ponto culminante, síntese da fala socrática

1.1. Três formas discursivas entrelaçadas: refutação (dialética), alegoria mítica (retórica) e hino

1.2. Estrutura argumentativa e terminologia de um rito iniciático

1.2.1. Transposição da linguagem dos mistérios: dialética - mística

1.2.2. Estrutura dupla:

1.2.2.1. Epistemologia (ascese, subjetividade) – exercício pessoal

1.2.2.2. Ontologia (mística, objetividade) – contemplação universal

2. Ascensão **DIALÉTICA (EPISTEMOLÓGICA)**: Abstração-universalização quantitativa (horizontal) e qualitativa (vertical)

2.1. Primeiro passo: universalização e desindividuação do amor físico – abstração quantitativa - do amor à beleza de um corpo ao amor a físico ao amor pela beleza de todos os corpos

2.2. Segundo passo: da beleza corporal à beleza anímica (espiritual)

2.3 Terceiro passo: da beleza anímica à beleza moral dos costumes e leis

3.4 Quarto passo: da beleza moral como tal à beleza intelectual das ciências

3.5 Quinto passo: contemplação, súbita, da forma do belo – culminância do processo educativo (consecução plena, telos)

Aula 6.1. Contemplação universal e paixão individual (Sócrates)

3. Característica **ONTOLÓGICAS** da forma do belo
 - 3.1. Ser e devir; atemporalidade e imutabilidade
 - 3.2 Ser e aparência (resistência ao relativismo e ao perspectivismo)
 - 3.3 “Um” e “muitos” (Parmênides)

4. Natureza **“MÍSTICA”** e **“ÉTICA”** desta intuição, inefabilidade
 - 4.1. Religiões de mistério; *Mathein – Pathein*, mudança de estado
 - 4.2. Contemplação e união (Simbologia da Cruz)
 - 4.2.1. União horizontal (humana) – ética erótico-pedagógica – eudaimonia
 - 4.2.2. União vertical (daimon) – mística – forma do belo (Deus)

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual

(Alcibíades)

I. O Pathos de Alcibíades: reversão tragicômica do amor (212c-223b)

1. **Interlúdio dramático:** “A chegada” , momento culminante do diálogo (um dos pontos altos da Literatura Ocidental: acréscimo de um momento inesperado que reverte aquilo que acaba de se aprender)

1.1. Todos felicitaram Sócrates

1.1.1. menos Aristófanes: a paixão descrita por ele que será dramatizada

1.1.2. Sócrates x Aristófanes: refuta a união imanente e “psicológica” da outra metade, imprimindo-lhe um critério transcendente de superação (o amor não pode ser algo restritivo e egoísta)

1.2. Chegada “dionisíaca” de Alcibíades: a insurgência do corpo

1.2.1. “de repente” , como a forma do belo

1.2.2. “bêbado” , com um bando de ébrios – coro dionisíaco

1.2.2.1. Como o da noite anterior (ele continua...)

1.2.2.2. Reintroduz o elemento dionisíaco

1.2.2.3. Verdade é uma revelação mística, não “apolínea” , como a de Sócrates, mas dionisíaca: ambos asseguram dizer a Verdade

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcibíades)

1.2.3. Vem “coroar” Agatão

1.2.3.1. Tirar da minha cabeça e coroar “o mais sábio e belo dos homens”

1.2.3.2. Dionísio que vem julgar o ‘ágon’ entre Sócrates e Agatão

1.2.4. Vestido de “Atenas” : hera e violetas

1.2.4.1. Diotima (Sócrates) é a profetisa capaz de salvar a cidade e o seu herói

1.2.5. “Podeis **rir (Aristófanes)**, mas só digo a **verdade (Sócrates)**”

1.2.5.1. Amor individual é “patético” , é sofrível

1.2.6. Senta-se entre Agatão e Sócrates - triângulo amoroso e ciúmes

1.2.6.1. Por que não ficaste junto de Aristófanes, ‘outro farsante da verdade’ ?”

1.2.6.2. Sócrates defende-se: “Tenho tanto medo de seu gênio arrebatado como do seu amor” ; “enciumado, inveja, desatinos, vias de fato

1.2.6.3. Alcibíades coroa também Sócrates, “que vence todo mundo com a sua eloquência” , não somente ontem, como Agatão, mas sempre

1.2.7. Arroga-se a presidência do Banquete e exorta à bebedeira

1.2.7.1. Sócrates pode beber à vontade, nunca embriaga-se (repetição da afirmação de Erixímaco, virtude da fortaleza, resistência, perseverança, ligada à temperança e autocontrole)

1.2.8. Erixímaco o convida a discursar sobre Eros

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcibíades)

1.3. Quem é Alcibíades?

1.3.1. Uma das figuras históricas mais impressionantes da Antiguidade (como um Júlio César), de grande importância no desfecho “trágico” da Guerra do Peloponeso

1.3.1.1. Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*

1.3.1.2. Plutarco escreveu uma famosa “vida de Alcibíades”

1.3.2. Depois de Sócrates, é o personagem mais recorrente de Platão, figurando em quatro diálogos: Alcibíades I e II, Protágoras e Banquete, cujo discurso é o maior, depois do de Sócrates

1.3.3. Ainda jovem, foi eleito general na Guerra do Peloponeso, conduzindo, demagogicamente, a cidade à invasão da distante Sicília, por Amor (que tinha esculpido no escudo) imperialista

1.3.3.1. Homem superlativo: maiores virtudes e maiores vícios: *Corruptio optimi pessima est*

1.3.4. Com o falecimento do seu Pai, ele foi criado por seu tio Péricles, de quem seria o herdeiro político, conduzindo ou preservando Atenas no topo político e cultural da Hélade – líder democrático

1.3.5. Tornou-se um grande guerreiro e foi alçado a general

1.3.6. Traiu Atenas com Esparta (provavelmente cometeu adultério com a mulher do líder de Esparta), e Esparta com os Persas

1.3.7. considerado egoísta, oportunista e chantagista

1.3.8. foi assassinado pelos persas

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcibíades)

2. Discurso de Alcibíades

0. Introdução

1. História de um amor particular
2. Inversão dos papéis sexuais
3. Profundo desejo de conhecer Sócrates, individualmente
4. Singularidade do conhecimento – contraposição à universalidade de Sócrates

1. Embriaguez – lucidez

- 1.1. Só fala a verdade (como Sócrates)
- 1.2. Sinceridade psicológica e erótica

2. Agon e elogio de Sócrates (relação de amor e ódio)

- 2.1. Elogio de Sócrates (amado) e não de Eros (amor)
 - 2.1.1. Singularidades ("atopia"): excentricidades, extravagâncias
 - 2.1.2. Crítica à abstração –deserotização intelectual: amor é o que eu sinto, na minha particularidade irreduzível
- 2.2. Fala por imagens: conhecimento particular de uma história individual
 - 2.2.1. Uso de imagens (como o da alegoria de Eros) e sensações
 - 2.2.2. Tradição edificante da literatura – mimesis e catarsis

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcíbiades)

3.A natureza de Sócrates: comparação com a imagem do sileno (215a-217a)

3.1. Sileno

3.1.1. Disjunção exterior (aparência física) e interior (moral)

3.1.2. Bonecos que ao serem destampados revelam estátuas de divindade

3.2. Sátiro Mársias – zombador e flautista

3.2.1. Sem flauta, apenas com a razão: “suas composições são as únicas que comovem os homens, por serem divinas, e mostram quem necessita dos deuses e de iniciação”

3.2.2. suas palavras, mesmo transmitidas por terceiros [como este Banquete de Platão] provocam comoção e arrebatamento

3.3.3. “Ao ouvi-lo, bate-me o coração mais depressa do que o dos coribantes, arrancando-me seus discursos lágrimas vivas. Observo que com muitas outras pessoas acontece a mesma coisa. Sempre que eu ouvia **Péricles** ou qualquer outro orador famoso, achava que falava muito bem, porém não sentia nada disto nem ficava com a alma perturbada ou revoltada, ao pensamento da **minha condição de escravo**. E tantas vezes tenho sido abalado por este Mársias, que chego a considerar impossível continuar a viver como faço. Isto, Sócrates, não poderás dizer que seja mentira. Agora mesmo, senhores, tenho certeza de que se me dispusesse a ouvi-lo, não resistiria e experimentaria idênticas emoções. O fato é que ele me obriga a confessar que sou deficiente em muitas coisas e que, apesar disso, negligencio o que me diz respeito, para ocupar-

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcibíades)

me com os negócios dos atenienses. Assim, vejo-me forçado a tapar os ouvidos, como se estivesse diante das **Sereias**, para não ter de permanecer ao seu lado até envelhecer. **Sócrates é o único homem cuja presença me desperta um sentimento de que ninguém me julgaria susceptível: envergonhar-me diante de outra pessoa. (...) paixão pela popularidade.** Por isso, para evitá-lo, fujo sempre que o vejo e envergonho-me de minhas confissões anteriores, indo a ponto de desejar que ele já não pertencesse ao número dos vivos. Porém, se isso viesse a acontecer, tenho que minha situação se tornaria intolerável, de forma que já não sei o que faça com este homem.”

3.3. Poder maravilhoso

3.3.1. Nenhum de vocês o conhecem

3.3.2. Parece interessado nos belos adolescentes, mas despreza beleza e riqueza exteriores

3.3.3. Abrindo-o, encontram-se “belas imagens, luzidas e divinas, de fascinante beleza”

3.4. Inversão erótica

3.4.1. Alcibíades decide entregar-se a Sócrates, para sorver sua sabedoria excelsa

3.4.2. Alcibíades achava-se irresistível

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcibíades)

4. As virtudes de Sócrates (217a-221c)

4.1. Temperança (domínio de si mesmo) sexual

4.1.1. Despediu o servidor, para ficar a sós com o amante

4.1.2. Mediu forças no ginásio, a fim de excitá-lo

4.1.3. Pensou em recorrer à violência

4.1.4. Convidou-e a jantar, a fim de lhe armar uma cilada

4.1.5. Dormiram juntos, apagou as velas... mas nada...levantou-se como se tivesse dormido com seu pai ou irmão mais velho, sentindo-se “zombado” por um arrogante quanto mais desprezado, mais o admira de forma narcísica (Como alguém pode resistir a Alcibíades?)

4.1.6. - Sente-se apaixonado, como mordido por uma víbora, pelos discursos filosóficos

4.1.7. Sente-se desafiado por aquele modelo de “sabedoria e firmeza” , invulnerável ao dinheiro

4.2. Fortaleza - resistência – coragem

4.2.1. Comer-beber: pouco ou muito

4.2.2. Frio: andava descalço sobre a geada

4.2.3. Poder de concentração

4.2.3.1. Meditação de manhã até o outro dia (24h de pé)

4.2.3.1. Depois, dirigiu sua oração ao sol (Apolo)

4.2.4. Coragem no combate (retirada de Délio)

4.2.4. Proteção dos companheiros

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcíbiades)

5. Sócrates é inclassificável (221c-222a)

5.1. Não se parece com nenhum homem, nem antigo, nem moderno

5.2. Suas palavras parecem de um sátiro despudorado, parece sempre falando das mesmas coisas chulas: “burros de carga, ferreiros, sapateiros...”

5.3. penetrando no seu interior: os únicos discursos dignos de serem levados a sério, os mais divinos e ricos em imagens de virtude, ... tudo o que precisa ter em mira quem desejar tornar-se bom e nobre.”

6. Conclusão

6.1. Inversão erótica

6.2. Enganou a muitos jovens, como Cármides e Eutidemo, fingindo-se amante (o mais velho interessado no corpo), para revelar-se “amado” (aquele que é cobiçado)

6.3. Advertência a Agatão: “entendimento através da experiência-sofrimento” (sabedoria trágica)

6.4. Alcíbiades permanece apaixonado

Aula 6.2. Contemplação universal e paixão individual (Alcibíades)

III. EPÍLOGO

1. Degeneração dionisíaca
 - 1.1. Invasão de um bando de beberrões
 - 1.2. Desordem: todos obrigados a beber em profusão
2. Sócrates convencia Aristófanes (comediógrafo) e Agatão (tragediógrafo) que o mesmo homem pode escrever tragédias e comédias: o poeta trágico de verdade também será poeta cômico
 - 2.1. A reversão do cômico no trágico e do trágico no cômico: "tragicomédia" (Platão)
3. Imponência e superioridade de Sócrates: sai, ao raiar do sai, para suas atividades normais, inabalável
 - 3.1. Ascese de Sócrates

Bibliografia

Bibliografia

I.

O Banquete. Trad. Carlos Alberto Nunes. Estudo introdutório Victor Sales Pinheiro. Organização Victor Sales Pinheiro e Benedito Nunes. 3ª ed. rev. Belém: ED. UFPA, 2011.

O Banquete. Tradução, notas e comentários Donaldo Schüler. Porto Alegre, LPM, 2009.

Banquete. Tradução e notas C.Mársico. Estudo preliminar Lucas Soares. Buenos Aires: Miluno, 2009.

Le Banquet. Tradução, introdução e notas Luc Brisson. Paris: GF Flammarion, 2007.

O Banquete. Tradução, introdução e notas de José Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Plato's 'Symposium'. Tradução Seth Benardete. Comentários Seth Benardete e Allan Bloom. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

II.

ARISTÓTELES, *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2008.

BAKHTIN, M. *Epic and novel. Toward a methodology for the study of the novel*. In: *The dialogic imagination. Four Essays*. Austin: University of Texas Press, 1981. pp.3-40

_____. *Discourse in the novel* In: *The dialogic imagination. Four Essays*. Austin: University of Texas Press, 1981. pp.259-422

Bibliografia

BLOOM, A. *The ladder of love*. In: *Plato's 'Symposium'*. Tradução Seth Benardete. Chicago: The University of Chicago Press, 2001. pp.55-177

BRISSON, L. *Agathon, Pausanias, and Diotima in Plato's Symposium: Paidierastia and Philosophia* In: LESHNER, J; NAILS, D; SHEFFIELD, F. (ed.) *Plato's Symposium: Issues in interpretation and reception*. Harvard: Harvard University Press, 2006. pp.229-251

BUFFIERE, F. *Eros adolescent – la pédérastie dans la Grèce antique*. Paris : Les Belles Lettres, 1980.

BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Tradução M.J.S.Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____, *Antigos cultos de mistério*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Ed.Usp, 1991.

CALAME, C. *Eros en la Antigua Grecia*. Madrid: Akal, 2002.

CORNFORD, F.M. *From religion to philosophy. A study in the origins of western speculation* [1912]. Nova Iorque: Dover, 2004.

_____. *The doctrine of Eros in Plato's Symposium*. In: *The unwritten philosophy and other essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 1950. pp.68-80

CORRIGAN, K.; GLAZOV-CORRIGAN, E. *Plato's dialectic at play – argument, structure and myth in the Symposium*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2004.

DOVER, K. *Greek homosexuality*. Nova Iorque :Vintage, 1978.

FESTUGIÈRE, A.-J. *Contemplation et vie contemplative selon Platon*. Paris : Vrin, 1975.

Bibliografia

FRANCALANCI, C. *Amor, discurso, verdade – uma interpretação do Symposium de Platão*. Vitória, Ed.UFES, 2005.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer* [1920]. In: *Obras completas vol. 14 (1917-1920)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FONTES, J.B. *Eros, tecelão de mitos. A poesia de Safo de Lesbos*. Prefácio de Benedito Nunes. Posfácio de Laymert dos Santos. São Paulo: Iluminuras, 2003.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade. Vol. 2 – O uso dos prazeres*. Tradução M. Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANCO, I. *O sopro do amor. Um comentário ao discurso de Fedro no Banquete de Platão*. Rio de Janeiro: Palimpsesto, 2006.

GUTHRIE, W. *Orpheus and Greek religion* [1952]. Princeton: Princeton University Press, 1993.

HALPERIN, D. *Plato and the erotics of narrativity*. In: CLAGGE, J; SMITH, N. (ed.) *Methods of interpreting Plato and his dialogues*. Volume suplementar da revista *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Oxford: Claredon, 1992. pp.93-129

HERÁCLITO. *Fragmentos contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

HUNTER, R. *Plato's Symposium*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

JAEGER, W. *Paidéia. A formação do homem grego*. Tradução Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KAHN, C. *Plato and the Socratic dialogue. The philosophical use of a literary form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Bibliografia

KENAAN, V.L. *The seduction of Hesiod: Pandora's presence in Plato's Symposium*. In: BOYS-STONES, G.R.; HAUBOLD, J.H. (ed.) *Plato and Hesiod*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KRÜGER, G. *Eros und Mythos bei Plato*. Frankfurt am Main: Vitorio Klostermann, 1978.

LIMA, P.B. *Platão: uma poética para a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LOURENÇO, F. (org., trad. e notas), *Poesia grega de Alcman a Teócrito*. Lisboa: Cotovia, 2009.

MAZEL, J. *As metamorfoses de Eros. O amor na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MCPHERRAN, M.L. *Medicine, magic and religion in Plato's Symposium*. In: LESHER, J; NAILS, D; SHEFFIELD, F. (ed.) *Plato's Symposium: Issues in interpretation and reception*. Harvard: Harvard University Press, 2006. pp.71-95

MORGAN, K. *Myth and philosophy from the Presocratics to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

NAILS, D. *Tragedy off-stage*. In: LESHER, J; NAILS, D; SHEFFIELD, F. (ed.) *Plato's Symposium – Issues in interpretation and reception*. Harvard: Harvard University Press, 2006. pp. 179-207.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém* [1885]. Tradução Mário de Silva. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *Introduction à l'étude des dialogues de Platon* [1871-6]. Paris : Editions de l'éclat, 2005.

Bibliografia

_____. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo* [1872].
Tradução J.Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* [1870-3]. 2ª ed.
Tradução e prefácio Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

NIGHTINGALE, A.W. *Genres in dialogue. Plato and the construct of philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

NUSSBAUM, M. *A fragilidade da bondade. Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução Ana Cotrim. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

REALE, G. *Eros dèmone mediatore. Il gioco delle maschere nel simposio di Platone*. Milão: Bompiani, 1997.

_____. *Introduzione, traduzione e commentario della Metafisica di Aristotele*. Milão: Bompiani, 2004.

_____. *História da filosofia antiga. Vol IV. As escolas da era imperial*.
Tradução Marcelo Perine e Henrique de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Para uma nova interpretação de Platão. Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das "Doutrinas não-escritas"*. Tradução Marcelo Perine. Prefácio Henrique de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2004.

RIEDWEG, C. *Mysterienterminologie bei Platon, Philon und Klemens von Alexandrie*. Berlin: De Guyter, 1987.

RIST, J. *Eros e Psyche. Studi sulla filosofia di Platone, Plotino e Origene*.
Prefácio W.Beierwalter. Milão: Vita e Pensiero, 1995.

ROBIN, L., *Notice*. In: Platon, *Le Banquet*, texto estabelecido e traduzido por Paul Vicaire, Paris, Les Belles Lettres, 1989, pp. vii-cxviii

_____. *La théorie platonicienne de l' amour*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

Bibliografia

RHODES, J.M. *Eros, wisdom, and silence. Plato's erotic dialogues*. Columbia: University of Missouri Press, 2003.

ROSEN, Stanley. *Plato's Symposium* [1968]. Indiana: St. Agustin Press: 1999.

ROSS, D., *Plato's theory of ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1953

SCHLEIERMACHER, F. *Introdução aos diálogos de Platão* (1804). Belo Horizonte: Ed. Ufmg, 2002.

SCHÜLER, D. *Eros: dialética e retórica*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Usp, 2001.

SNELL, B. *A formação dos conceitos científicos na língua grega*. In: *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005. pp.229-246

SOARES, L. *La erótica platónica en perspectiva. Notas para una lectura del Banquete*. In: PLATÓN, *Banquete*. Tradução e notas C. Mársico. Buenos Aires: Miluno, 2009. pp.13-128

STRAUSS, L. *On Plato's Symposium*. Editado e prefaciado por S. Bernardete. Chicago: Chicago University Press: 2001.

SPINELLI, M. *Questões fundamentais da filosofia grega*. São Paulo: Loyola, 2006.

STEINER, G. *Lições dos mestres*. Tradução Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TORRANO, J.. *O mundo como função das musas*. In: Hesíodo, *Teogonia. A origem dos deuses*. Tradução e estudo Jaa Torrano. Iluminuras, 2006

TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso*. 3ª ed. Tradução Mario da Gama Cury. Brasília: Ed. Unb, 1999.

Bibliografia

VAZ, H.C. *A ascensão dialética no Banquete de Platão*. Belo Horizonte: Revista Kriterion 35-36, 1996. pp.17-40

_____. *Amor e conhecimento. Sobre a ascensão dialética no Banquete*. Braga: Revista Portuguesa de Filosofia Tomo XII, 1956. pp.225-242

VLASTOS, G. *The individual as object of love in Plato*. In: *Platonic studies*. Princeton: Princeton University Press, 1981. pp.3-34

VELARDI, R. *Scrittura e tradizione dei dialoghi in Platone*. In: CASERTANO, G. (org.) *La struttura del dialogo platonico*. Napoli: Loffredo, 1998. pp.108-139.

VERNANT, J.-P. *Aspectos míticos da memória e do tempo* In: *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pp.135-166

_____. *Un, deux, trois: Eros*. In: *L'individu, la mort, l'amour. Soi-même et l'autre en Grèce ancienne*, Gallimard, 1989. pp.153-171

_____; VIDAL-NAQUET, P. *Édipo sem complexo*. In: *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005. pp.53-71